

THELMA ASSIS

QUERER,
PODER,
VENCER



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

T H E L M A A S S I S

Com a colaboração de Bianca Caballero

— • • • —

**QUERER,
PODER,
VENCER**

— • • • —



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Thelma Assis, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

Preparação: Denise Morgado
Revisão: Diego Franco Gonçalves e Laura Folgueira
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Rafael Brum
Fotografia de capa: Iude Richele
Fotografias de caderno de imagens: acervo pessoal de Thelma Assis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Assis, Thelma
Querer, poder, vencer / Thelma Assis. - São Paulo: Planeta, 2021.
240 p.

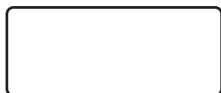
ISBN 978-65-5535-518-5

1. Assis, Thelma - Biografia I. Título

21-3701

CDD 920.72

Índice para catálogo sistemático:
1. Assis, Thelma - Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

Prefácios	9
1. Duas casas no bairro do Limão	17
2. “Criança é igual passarinho”	33
3. Do quintal aos palcos, dos palcos à avenida	43
4. “Você vai embora, minha filha?”	63
5. “Pessoas negras só servem para praticar esportes”	77
6. Meu primeiro paciente	97
7. Ponto de encontro	111
8. Uma nova médica, uma nova mulher	131
9. Libertação capilar	151
10. Meu investimento de risco	159
11. Xeque-mate	179
12. Vitória histórica	199
13. O poder da representatividade	217
Agradecimentos	237



Duas casas no bairro do Limão

Durante os últimos dias na casa do Big Brother Brasil, o clima era de celebração, nostalgia e tédio, tudo ao mesmo tempo. Celebração porque, afinal de contas, estávamos na final. Entre as vinte pessoas que entraram no reality show, éramos as três que haviam chegado mais longe. A produção caprichava nas refeições especiais e garrafas de champanhe, então a sensação já era de vitória. Nostalgia porque, depois de mais de noventa dias confinadas naquela casa, tudo ali carregava uma memória. Cada ambiente, cada objeto, cada canto que a gente via pela última vez estava impregnado de histórias. E tédio porque o assunto tinha acabado há tempos. A gente já tinha conversado sobre tudo o que havia para conversar. Na casa do BBB, vinte e quatro horas parecem quarenta e oito, e naqueles últimos dias era impossível preenche-las quando não se tinha mais jogo em que pensar, provas ou dinâmicas com as quais se preocupar.

Eu não via a hora de estar sentada no sofá, aquele mesmo onde havia passado os últimos noventa e oito dias, usando meu vestido azul e vendo o Tiago Leifert anunciar a campeã na televisão. Desde a reta final da seleção, eu pensava nesse momento e não conseguia me imaginar não fazendo parte dele. Antes mesmo de ter minha ida para o programa confirmada, fui atrás de um vestido que estivesse à

altura da ocasião, à altura da final do Big Brother Brasil. Tinha de ter brilho, eu pensava, tinha de ser um vestido de artista. Com isso em mente, fui pesquisar estilistas que já tivessem vestido a Iza, cantora que é uma das minhas muitas inspirações. Cheguei ao VJ Júnior, de Uberlândia, e ele pediu que eu enviasse minhas medidas ainda naquela tarde, senão o vestido não seria entregue em São Paulo a tempo. Estava em um plantão de doze horas no Hospital do Servidor Municipal e, durante o horário de almoço, saí procurando comércios que pudessem me emprestar ou vender uma fita métrica. Fui bem-sucedida em uma sapataria, e as pessoas ali nem imaginavam o que estava planejando aquela mulher que tirava as medidas sozinha, no meio da loja. Deu certo, enviei as informações, fiz o pagamento e, alguns dias depois, chegou até mim um vestido de 2,5 quilos, com mais de 20 mil pedras bordadas à mão. O fato de eu ter pagado por esse vestido em um momento no qual já acumulava algumas dívidas e estava prestes a largar meus empregos para, provavelmente, participar de um reality show – nada estava confirmado ainda – mostra que a autoconfiança não era pouca. É curioso que muita gente tenha levado roupas especiais para a final e usado antes, por temor de ser eliminada sem mostrar. Eu, a Manu e a Rafa, as três finalistas, fomos das poucas que não cederam à tentação, deixando as roupas guardadas até o último dia.

Ao longo dos mais de três meses que passamos confinadas na casa, os vinte participantes iniciais foram sendo eliminados aos poucos pelos votos do público. Colocados no paredão por meio, principalmente, da indicação de outros jogadores, a saída ou permanência dependia da vontade dos brasileiros que acompanhavam o programa – e que no ano de 2020, em meio a uma pandemia, foram mais de 165 milhões. Nós três, eu, a Manu e a Rafa, havíamos estado nessa situação – eu por quatro vezes, e cada uma delas por três –, mas agora, na final, o jogo era um pouco diferente. Os votos do público definiriam quem de nós ganharia. Eu olhava para as duas, mulheres por quem eu nutria um carinho e uma admiração muito grandes e genuínos, e tinha todos os motivos do mundo para achar que elas podiam vencer.

Ao mesmo tempo, reconhecia minhas chances também. Eu sabia como era importante para muita gente ver uma mulher pre-

ta naquela posição, e tinha muito orgulho de tudo o que eu havia mostrado durante mais de três meses de programa – seja toda a minha força quando passei vinte e seis horas em pé em uma prova de resistência, seja a vulnerabilidade das tantas vezes em que me vi sozinha na casa; a honestidade com os meus princípios, chamando “macho escroto” de “macho escroto” quando tinha de chamar e também defendendo um dos meus quando o via ser pré-julgado pela casa. Ao mesmo tempo, havia a lealdade com quem estava do meu lado e a alegria, a alegria de quem, em uma festa, com uma música, com uma dança, conseguia esquecer um pouco tudo isso e se sentir muito feliz por estar ali. No fim, digam o que quiserem, mas um reality show é sobre mostrar verdadeiramente quem você é e receber a validação do público por isso.

Eu pensava que, se ganhasse 50 mil reais, teria o suficiente para pagar o empréstimo que fiz antes de entrar no programa. Se ganhasse 150 mil, poderia até recomeçar minha vida financeira. Se ganhasse 1,5 milhão? Aí eu não conseguia nem imaginar!

O terceiro lugar da Manu foi anunciado e, antes que eu absorvesse o choque de estar entre as duas primeiras colocadas, o Tiago voltou e nos chamou para a área externa da casa. Era tudo muito diferente do que sempre havíamos imaginado: sem plateia, sem show, sem família, sem os ex-participantes. A pandemia fez com que toda essa festa fosse suspensa e, por fim, estávamos só nós quatro ali, as três finalistas e o apresentador. De mãos dadas com elas, ouvi o discurso do Tiago e a forma como ele falou da minha história foi muito impactante. Ele lembrou o momento em que, no início do programa, caiu o muro que dividia a casa do BBB em duas, separando participantes anônimos e famosos. A presença de pessoas públicas no jogo era uma novidade, e, enquanto a maioria dos anônimos se viu ameaçada por elas estarem ali, eu não temi. Afinal, como ele bem colocou, a vida inteira eu joguei contra as estatísticas.

Nessa final, eram duas personalidades famosas que disputavam o prêmio comigo, eu completamente anônima até o dia em que entrei na casa. Ainda assim, eu sabia que podia ganhar. Quando o Tiago anunciou o ganhador, quando disse: “E uma temporada histórica como essa não podia terminar sem uma vitória histórica. Então,

o BBB 20 só pode ser seu, ele tem de ser seu, Thelma!”, foi como se eu estivesse de volta ao quarto Céu, sonhando. Aquela cena, ainda que tão esperada, não parecia real. Fui tomada por uma alegria enorme, um verdadeiro êxtase. Mais do que ganhar um prêmio, eu sentia que tinha ganhado a aprovação das pessoas. Elas gostavam de mim, elas gostavam de quem eu realmente era.

Toda essa euforia saía de dentro de mim em forma de gritos e lágrimas. Em meio a alguns “obrigada” e “não acredito”, veio o grito de “mãe”. Eu havia acabado de me tornar campeã do Big Brother Brasil e agradecia a ela. Era mais uma vitória à qual eu sabia que minha mãe assistia, ainda que dessa vez, por conta da pandemia, não pudesse estar ali na primeira fila, de onde sempre me dirigiu seu olhar e seu aplauso.

Mais uma vez eu havia conseguido me destacar em um espaço no qual desde o princípio não havia muitas pessoas como eu. Assim como eu não me enxergava nos meus colegas da escola particular, do balé, da faculdade, da residência de medicina e dos hospitais onde trabalhei, ali também prevalecia a diferença, ali também eu era o corpo estranho. A única mulher negra retinta entre os vinte participantes da edição, de origem pobre, médica, passista de escola de samba e, a partir daquele momento, campeã do reality show mais disputado do Brasil. O grito de “mãe”, que saiu de mim repetidas vezes, poderia ter vindo acompanhado por “eu venci aqui também”. Desde criança, desde os primeiros anos na escola, ela dizia que eu deveria ser a melhor. Com amor, e também exigência, cuidou para que o meu caminho fosse diferente daquele que, em geral, está traçado para garotas como eu, que vêm de onde eu vim. Em todos aqueles espaços ocupados por pessoas brancas, de alguma forma, eu me destaquei; de alguma forma, eu venci. E no Big Brother Brasil não havia sido diferente. Como era importante para ela – para nós – mais essa vitória.



Toda a história que me levou até aquele momento, e que eu decidi contar agora, começa com dona Yara Maria, minha mãe. Ou, para ser mais exata, por aqueles que a antecederam, meus avós.

Meu avô materno, Oswaldo, era de Jaú, e minha avó, Ordalina, de Bauru, mas os dois se mudaram para São Paulo para trabalhar. Ele era do tipo multitarefas: atuava como pedreiro e eletricista, e ela era dona de casa. No começo da vida de casados e durante a infância da minha mãe, filha única, eles moravam em um barracão de madeira construído por ele no bairro do Limão, na periferia de São Paulo. Nessa casa passaram por situações muito difíceis, como uma enchente que levou embora todas as suas roupas. Apesar de tudo, decidiram que teriam sempre como prioridade a educação da minha mãe. Mesmo morando em um barracão de madeira, ela estudaria em escola particular. O colégio escolhido foi o Padre Moye, o colégio em que ela me matricularia da primeira à quarta série.

Quando a minha mãe fez 10 anos, meu avô conseguiu comprar outro terreno – no mesmo bairro do Limão – e construiu ali duas casas, nas quais eu viveria várias fases da minha vida. Na casa maior, de dois quartos, moravam os três, e a menor alugavam para ter mais uma fonte de renda. Foi assim que eles conseguiram sair de uma situação de muita pobreza para algo um pouco melhor. Entre os orgulhos da época, o primeiro carro, um fusca cinza-claro, e a possibilidade de pagar para minha mãe um curso de acordeão, que eles diziam ser símbolo de status na época.

Ela fez também cursos de cabeleireira e de manicure, mas decidiu seguir o caminho apontado pela minha avó como ideal para ser uma mulher bem-sucedida: fazer um concurso público. Mal imaginava dona Ordalina que, anos depois, sua neta abandonaria a segurança de um cargo público para arriscar tudo, participando de um reality show do qual sairia campeã (as definições do que é ser bem-sucedida foram atualizadas com sucesso). Minha mãe prestou concurso, passou e se tornou auxiliar administrativa no Tribunal de Justiça de São Paulo, trabalhando no imponente prédio da Praça João Mendes por mais de vinte anos. Ela conta que levava processos de uma sessão a outra e que estava sempre em contato com juízes e advogados, o que exacerbou seu perfil já vaidoso e fez com que ela passasse a andar sempre muito arrumada, algo que faz até hoje e que eu herdei dela. Entre as histórias do Tribunal, ela diz que, uma vez, ao levar processos para funcio-

nários de cargos superiores, solicitaram a ela que servisse café a todos. Pois fez questão de deixar claro qual era a função para a qual tinha sido admitida no concurso. Esse tipo de atitude – não permitir que nos subestimem nos ambientes que frequentamos – é algo que ela também passou para mim.

Esses são só alguns dos muitos traços que eu herdei de dona Yara. Ela também gostava muito de dançar. Conta que sua família era bastante unida e festeira e que se divertia em celebrações como Natal e Ano-Novo. Gostava também de ir a bailes e matinês, e foi em uma delas que conheceu meu pai. Estava dançando em cima da mesa, ela conta, e ele, três anos mais novo, olhava para aquele mulherão como um moleque bobo.

Meus avós paternos eram de São Paulo, do bairro do Bixiga, uma família também muito simples. Meu pai fez curso de gráfico e trabalhou nessa profissão a vida inteira, até ser diagnosticado com câncer, em 2010.

Eles namoraram durante dois anos, se casaram e moraram em diferentes lugares, mas acabaram indo viver naquela casa menor que meu avô construiu. Foi ali, naquele terreno no bairro do Limão, entre a casa da frente e a dos fundos, que eu cresci. A primeira, onde eu vivia com meus pais, tinha uma cozinha, um banheiro e um quarto. Subindo a escada do quintal, chegava-se à segunda, onde moravam meus avós. Ela era maior, tinha uma sala, uma cozinha, um banheiro, um quarto grande e um pequeno. Como eles só precisavam de um, nesse segundo fizeram um quarto de brinquedos, onde eu passava horas e horas. Meus avós eram do tipo que deixam a neta fazer de tudo: desde rabiscar as paredes até brincar de dentista na boca deles. Então, todo o tempo que eu passava sob seus cuidados era muito especial.

Vestindo um clássico *tailleur*, minha mãe saía de manhã para trabalhar e passava o dia fora, por isso meus avós foram peça-chave na minha criação. Sempre estudei no período da tarde e nunca funcionei bem pela manhã. Minha mãe conta que, ainda criança, eu mal falava depois de acordar, tamanho o mau humor, e só começava a interagir de verdade depois do almoço. Quando bebê, ela arrumava uma mochilinha e subia para me deixar na casa da minha avó. Quan-

do criança, me colocava para ver desenho até que dona Ordalina viesse fazer o almoço, me arrumar e me deixar na escola.

No fim do dia, era também minha avó quem me buscava, e chegávamos em casa a tempo da hora da oração. A reza ecoava do rádio e era acompanhada de um café da tarde com chá, bolo ou pão com manteiga. Até que minha mãe voltava do trabalho e eu, tomada de alegria, pulava no colo dela. Logo descíamos para nossa casa, onde ela cozinhava o jantar enquanto eu fazia lição de casa. Apesar das inúmeras vezes em que não pagou contas de água e luz, meu pai nunca deixou faltar comida em casa, e o nosso costume era ter sempre uma refeição completa à noite: arroz, feijão, carne ou frango, uma verdura ou legume.

Minha mãe conta que, quando me perguntava o que eu queria comer, a resposta era sempre a mesma: macarrão com frango. “Minha filha, eu não sei se você só conhecia essa comida”, é o que ela diz até hoje quando relembra essa história. Outra passagem que ela gosta de repetir é a do pudim de leite condensado, que eu comia quente, apesar dos protestos dela, sofrendo de dor de barriga depois. O que ninguém sabia na época é que isso acontecia porque eu já era intolerante à lactose, algo que só fui descobrir quando adulta. A incapacidade de digerir produtos à base de leite também me fazia sofrer quando as vizinhas criavam simpatias para supostamente acabar com a minha asma. Misturas que envolviam, entre outras coisas, ovo, leite condensado e Biotônico Fontoura me rendiam sempre uma diarreia.

Minha avó, apesar de todo o amor que sentia por nós, era uma mulher muito sisuda, não tinha o costume de abraçar e beijar. Eu sinto que, como não tinha isso em sua relação com ela, minha mãe depositou todo seu carinho na relação comigo, de modo que sempre fomos muito apegadas uma à outra. À noite, eu pedia para dormir com as costas coladas nas dela, para sentir o que eu chamava de “seu quentinho”. Ela conta também que muitas vezes acordava comigo olhando para o seu rosto. Recentemente, ouvi dizer que isso é comum, algo que as crianças fazem para checar se as mães estão respirando.

Minha mãe trouxe da criação dela a importância de que eu fosse muito estudiosa, o que fazia com que combinasse todo seu afeto com um lado mais firme e exigente. Além de me matricular em uma

escola particular, a mesma na qual se formou, ela me enchia de brinquedos educativos. Achava, por exemplo, que quebra-cabeças eram uma ótima forma de estimular o raciocínio. Começou me dando alguns de poucas peças e foi aumentando, até o dia que em montei sozinha um de mil peças e ela se encheu de orgulho.

Eu costumo dizer que a minha mãe saía com o peito estufado das reuniões de pais da escola, já que os professores sempre elogiavam meu desempenho. Em casa, ela dizia: “Quando a professora estiver falando, nem uma mosca pode tirar a sua atenção, nada pode te distrair. No seu boletim eu não quero menos que oito”. Por um lado, eu posso dizer que gostava de estudar e que me esforçaria para ir bem independentemente do que ela dissesse. Por outro, hoje percebo que isso entrava na minha cabeça e me fazia entender a necessidade de me destacar naquele espaço, de provar que eu merecia estar ali. Aquele grito no BBB, querendo ou não, foi também uma forma de dizer que eu tinha sido aprovada mais uma vez.

A escola foi um dos primeiros ambientes predominantemente brancos que frequentei – entre muitos em que eu ainda adentraria. Minha mãe havia passado pela mesma coisa, sabia o que significava e deixava bem claro quando via uma ou no máximo duas outras crianças negras ali. Ela falava: “Que bom! Outra pretinha”. Se ela reforçava o fato de que eu deveria ser a mais inteligente e precisava estar sempre impecável, não era só porque esses eram seus valores mas também porque queria que eu traçasse um caminho diferente daquele que as estatísticas reservavam para mim.

Fui uma das primeiras a aprender a ler e isso fez com que fosse escolhida oradora na formatura da pré-escola. Segundo minha mãe, eu dizia que só lia o texto que me fora designado se ela estivesse lá na minha frente. Já naquela época, as minhas conquistas tinham muito mais valor se ela estivesse presente, me olhando e me aplaudindo com orgulho.

Sempre gostei muito de palco e deixava isso transparecer nas brincadeiras da infância. Os fundos da minha casa davam para uma rua sem saída que vivia cheia de crianças de todas as idades, e era lá que eu me divertia. Além de jogos clássicos, como queimada, taco e bonecas – sempre brancas, já que era o que tinha disponível –, eu

liderava meus amigos na hora de inventar brincadeiras mais artísticas. Pegava a história de um livro que estava lendo, por exemplo, e criava peças de teatro ou coreografias com base nela. Especialmente depois que passei a estudar balé, inventava os passos e queria que todo mundo os fizesse junto comigo, no tempo certo. No fim, chamávamos os adultos e nos apresentávamos para eles. Todo o meu amor por performar, dançar, assumir papéis de destaque e ser aplaudida por isso começava a desabrochar ali.

Outra alegria eram as festas de aniversário da minha família, quando brincava e dançava com as minhas primas no nosso quintal. Não eram grandes eventos, mas, independentemente das dificuldades, sempre havia pelo menos um bolinho. Eu me lembro bem das batatas em conserva, pequenas e mergulhadas no vinagre, que as pessoas espetavam com palito de dente para comer. Os sanduíches de “carne louca” e as coxinhas também faziam parte do cardápio, além de doces como beijinho, cajuzinho, brigadeiro e bala de coco. Eu ia com a minha avó comprar forminhas para os brigadeiros, que a gente enrolava juntas, e aquele papel cheio de franjinhas para as balas. Minha mãe me conta que tive até festa de 1 ano – por coincidência, a decoração foi de balé, algo que se tornaria parte tão essencial da minha vida.

Essas festas eram a diversão da minha mãe também, que não tinha muitas opções de lazer. Assim como a minha avó, o que ela fazia era encontrar as amigas e passar o tempo conversando, fofocando e dando risada, e hoje eu entendo que herdei delas a facilidade em fazer amizades. Às vezes, minha mãe buscava fontes de renda extra; por exemplo, chegou a se aventurar comprando roupas no Brás para revender entre as vizinhas.

Outra válvula de escape na vida das duas era a religião, de modo que elas sempre participavam das atividades da igreja, como missas, grupos de oração, novenas e procissões. Elas me levavam junto, então eu fiz catequese, crisma e participei do grupo de jovens. É marcante para mim a imagem de um quadro grande do Sagrado Coração de Jesus que, desde que eu me entendo por gente, ficava pendurado bem no meio da sala da minha avó.

Já a rotina do meu pai era bem diferente. Apesar de ele sempre ter sido amoroso e de hoje eu falar dele com carinho, era um homem

muito boêmio, responsável pelos momentos mais conturbados da rotina da minha casa. Ele saía bastante, muitas vezes demorava para voltar, fazendo com que em dias mais tensos chegássemos a procurá-lo até mesmo no IML. Além disso, era irresponsável com dinheiro, de modo que os cortes de água e luz eram frequentes, e os banhos de caneca, uma lembrança clássica.

As brigas entre ele e minha mãe sempre respingavam em mim e marcaram muito a minha infância. Uma das ocasiões de que eu me recordo mais claramente – talvez porque memória de criança é bem seletiva – aconteceu quando ele não comprou meu presente de Natal porque não queria gastar dinheiro com aquilo. Minha mãe, que fazia questão de me dar tudo que estivesse ao seu alcance, ficou enfurecida por eu ter passado a data sem ganhar nada.

Desde cedo eu me questionava sobre o porquê de, apesar de ser uma mulher tão forte e moderna em diversos aspectos, minha mãe optar por manter aquele casamento. A imagem que eu tinha era a de que ela estava sempre indo para a frente, mas sendo puxada por ele para trás. Acho que ela herdou da minha avó a ideia de que casamento é realmente “até que a morte os separe”.

Quando completaram vinte e cinco anos de casados, minha mãe quis fazer uma festa de bodas de prata e também uma missa, na qual entrou vestida de noiva. Eu, como adolescente de 14 anos que era, fiz questão de ficar emburrada o tempo inteiro para deixar clara minha revolta com a celebração, que para mim era uma farsa.

Eles foram um grande exemplo do tipo de relacionamento que eu não queria ter, e isso surtiu efeito nas minhas escolhas futuras. Apesar de muito tempo guardando mágoas, fui obrigada a confrontar minhas dores e aprender a perdoar meu pai quando, anos depois, ele foi diagnosticado com câncer e eu passei a cuidar dele.

Foi também a sua irresponsabilidade que fez com que eu tivesse de sair do Colégio Padre Moye, onde estudei da primeira à quarta série. As minhas principais lembranças de lá são o uniforme arrumadinho, azul e branco, os corredores escuros e o fato de que, sendo um colégio de freiras, rezávamos todos os dias. Não me esqueço também de quando caí no pátio e quebrei um pedacinho do dente da frente, que só fui consertar depois de adulta, por não ter dinheiro

para isso na época. Eu tinha uma melhor amiga, a Priscila, loira e de olhos azuis, e meu maior terror eram as aulas de educação física. Apesar de sempre ter dançado, eu era horrível em esportes e todos tiravam muito sarro de mim, além de sempre me escolherem por último na hora de formar os times.

Como meu pai se enrolava para pagar a mensalidade, eu precisei sair de lá e ir para o Colégio 14 de Julho, localizado em frente ao Cemitério da Cachoeirinha, num bairro vizinho ao Limão. Ele era também particular, mas mais barato e, por isso, tinha mais pessoas negras. Na minha sala só havia quatro meninas, contando comigo: uma era loira; outra, descendente de bolivianos, e a terceira, oriental, e nós éramos bem próximas. Foi lá que eu comecei a fazer minhas primeiras apresentações solo de balé, em festas de final de ano, de Dia das Mães e dos Pais. Também não me esqueço do professor Cícero, de matemática, de quem eu gostava muito por ter nos ensinado a jogar xadrez.

Depois de dois anos, meu pai deixou de pagar a mensalidade corretamente e uma situação que me doía muito começou a se repetir. Todo mês recebíamos apostilas de estudo e, conforme a mensalidade não era paga, passaram a não entregar as minhas. Na época, sendo pré-adolescente, ter de me sentar em dupla para acompanhar as aulas pelo material das minhas amigas me fazia morrer de vergonha. Além disso, a situação gerava muitas brigas em casa, já que minha mãe zelava pela minha educação e não via meu pai fazer o mesmo.

Na sétima série, ele não fez minha matrícula e eu fui para uma escola estadual. Se ir do Padre Moyer para o 14 de Julho já tinha sido impactante, nessa mudança o choque foi total. Quase nunca tinha aula e as brigas entre alunos eram frequentes. Lembro que as garotas usavam aquele prendedor de cabelo bico de papagaio para fazer ameaças e até se cortar. Sendo muito estudiosa, era difícil estar em uma escola assim. Então, após um ano, convenci meus pais a me colocarem de volta no 14 de Julho.

Eu ainda consigo sentir a felicidade que foi estar lá de novo, mesmo que as frustrações continuassem fazendo parte do caminho. Nesse ano, os alunos fariam uma viagem de formatura para Porto Seguro, e eu, obviamente, queria muito participar. Minha mãe che-

gou a ir à agência de viagens e começou a pagar os boletos, mas, entre a displicência do meu pai e as brigas entre eles, os pagamentos não foram feitos e eu não pude ir. Acontece que, quando eu não consigo algo que quero muito, deixo anotado numa espécie de “lista mental” como pendência a ser resolvida. Quando eu já tinha 18 anos, um programa de rádio anunciou uma promoção que daria como prêmio uma viagem com acompanhante para qualquer lugar do Brasil. Eu liguei, liguei, liguei e ganhei. Fiz, então, minha primeira viagem de avião: fui para Porto Seguro com minha mãe.

Terminada a oitava série, meu pai não tinha feito a minha matrícula. Sempre que eu perguntava a respeito, dizia que ia ver e mencionava uma data aleatória na qual supostamente teria dinheiro. Conforme o mês de janeiro chegou, percebi que poderia perder um ano de estudo por não estar matriculada em lugar algum. Então peguei uma lista telefônica e comecei a ligar para várias escolas públicas da região, perguntando se tinham vaga. No fim, consegui uma em outra escola estadual onde havia estudado por um tempo antes de ir para o Padre Moye. Fiz minha matrícula e lá completei o colegial. Eu me orgulho muito de ter resolvido essa situação sozinha, como ainda teria de fazer em muitos momentos da minha vida.

No começo, era difícil estar em uma escola pública novamente e sabendo que minhas amigas do 14 de Julho recebiam uma educação muito melhor que a minha. A realidade era outra e parecia que tudo naquele ambiente – desde as bombas sendo estouradas no portão ao barulho das motos ostentadas do lado de fora – me pressionava a deixar as aulas em segundo plano. A impressão era de que na escola particular tudo dava certo e na pública, errado. Não posso ser injusta e deixar de reconhecer que tive professores bons, inclusive meu primeiro professor negro, o Johnny, de geografia. Em relação aos colegas, como era de se esperar, havia muito mais pessoas negras.

Apesar de, com meu interesse pelos estudos e a disciplina imposta pela minha mãe, eu sentir que estava sempre nadando contra a corrente, fazer amigos e saber que havia outras pessoas passando por aquilo junto comigo fez com que esses três anos fossem mais fáceis. Conforme o tempo passou, enxerguei ainda mais sentido naquilo: se não tivesse feito o ensino médio em uma escola pública, não teria

conseguido uma bolsa para o curso de medicina em uma faculdade particular anos depois.

Uma das coisas que me influenciou a buscar a carreira de médica foi sempre ter tido de lidar com muitas mortes na família. Uma das primeiras foi a do meu avô Oswaldo, quando eu tinha 8 anos. Ele tinha diabetes e morreu por complicações da doença, de modo que perdeu o rim, teve de fazer diálise, amputar a perna e passar por muito sofrimento até morrer. Apesar de ser pequena, eu me lembro de como foi difícil assistir a tudo, e tenho muito carinho pelo fato de que uma das últimas coisas que ele disse antes de nos deixar foi “cuidem da Thelma”.

Depois disso, fomos morar com a minha avó na casa dela, muito grande para que ficasse sozinha, e voltamos a alugar a casa de baixo, que passou a ser novamente uma fonte de renda. Eu, minha mãe e meu pai ocupávamos o quarto maior, e minha avó, o menor, aquele mesmo que um dia fora meu quarto de brinquedos.

No ano de 1997, quando eu tinha 13 anos, tive de lidar no mesmo mês de outubro com a morte das minhas duas avós. A mãe do meu pai tinha uma saúde debilitada e acabou falecendo por causa de um AVC, o que nos deixou fragilizados e ainda menos preparados para o que viria a seguir.

Era um domingo e eu estava com minha mãe e minha avó em um ponto de ônibus no bairro da Cachoeirinha, vindo embora de um almoço de família na casa da minha tia. Minha avó desmaiou, mas logo recobrou os sentidos. Então, apesar do susto, não demos grande importância àquilo. Passado mais ou menos um mês, em outro domingo, estávamos assistindo à televisão em casa – minha avó adorava ver o programa do Silvio Santos – e ela disse que estava com vontade de comer pipoca. Minha mãe falou: “Thelma, faz pipoca para a sua avó”. Quando eu disse “Já vou”, ela respondeu “Aproveita enquanto você tem sua avó para comer pipoca com você”.

A noite continuou, eu fiz a pipoca e minha avó avisou que, no dia seguinte, iria ao médico porque estava com dor de cabeça. Hoje eu olho para trás e, talvez por ser médica, me arrependo de não ter perguntado mais a respeito, de não ter questionado por que não íamos ao médico logo, mas sei que aos 13 anos não havia muito o que perceber naquela situação.

Na madrugada de domingo para segunda-feira, minha avó roncou muito, bem mais alto do que roncava normalmente. Quando eu me levantei pela manhã, a casa estava silenciosa e a porta dela, fechada. Comecei a fazer faxina e coloquei uma música no volume bem alto, como sempre fazia na hora da limpeza. Brava, minha mãe disse: “Abaixa essa música, a sua avó está dormindo”, e eu respondi: “Não tá, não! Ela ia ao médico hoje”. Então, minha mãe me olhou e disse: “Não, a sua avó está aí”. Um buraco começou a se formar no meu estômago. Desligamos a música e, quando abrimos a porta do quarto, ela estava desmaiada. Também teve um AVC. Já eram dez horas da manhã e ela havia começado a passar mal quando ouvimos aqueles roncoss de madrugada.

Sáímos correndo, pedindo ajuda aos vizinhos, até que um deles colocou minha avó no carro e a levou, com a minha mãe, para o hospital. Eu me lembro de passar horas na casa de uma vizinha, tomada por uma angústia que nunca tinha sentido antes, ouvindo-a rezar diante da vela que acabara de acender. Quando a minha mãe voltou para casa, foi com uma amiga para a cozinha e chorou muito. Da sala, eu a ouvia dizer: “O médico disse que foi um AVC e que é muito grave”. No mesmo dia, à noite, o telefone tocou. Era do hospital, e avisaram que ela havia falecido. Os gritos da minha mãe ao telefone ecoaram na minha cabeça por muito tempo.

Foi tudo muito marcante. Até alguns dias antes, ela estava com a gente, saudável, e de uma hora para a outra tinha ido embora. A mulher que ajudou a me criar por treze anos. Depois de médica, eu juntei as peças e entendi que o desmaio no ponto de ônibus já era sinal de obstrução na oxigenação do cérebro, assim como a dor de cabeça que ela sentia. Por muito tempo, me perguntei: “Por que não fiz isso? Por que não fiz aquilo?”.

Superar a morte dela foi muito difícil para a minha mãe. Até hoje, em alguns momentos, tenho a impressão de que ela sente esse luto como se tivesse acontecido ontem. A nossa família sempre foi marcada por muitas mortes, e todo o trauma fez com que ela tivesse muita dificuldade para lidar com essas situações. Entre as muitas histórias que nem parecem reais, minha mãe perdeu dois tios no mesmo dia, porque um morreu e o outro sofreu um infarto ao saber da notícia.

As pessoas morriam cedo, não só na minha família, mas em muitas de pessoas negras. Nossa expectativa de vida é menor que a dos brancos, de modo que envelhecer – direito tão simples – vira praticamente uma vitória. Conforme estudava medicina, refleti muito sobre como a falta de acesso a uma saúde de qualidade foi uma das coisas que fez minha família encolher tão rapidamente. Com 70 anos, hoje minha mãe é uma das únicas pessoas idosas que restou, e ela carrega o peso de todo o luto com que precisou lidar. Os Natais, por exemplo, se tornaram melancólicos pela lembrança das reuniões que, com o passar do tempo, foram se esvaziando. Depois do falecimento do meu pai, em 2019, eu entendi melhor o que ela sentia, e mesmo antes disso sempre tive de lidar com um medo muito grande de perder as pessoas que amava. Por isso acho que, em algum momento, a ideia de poder cuidar delas influenciou a minha escolha pela medicina como profissão.

*

Crescer no bairro do Limão também contribuiu para que eu fosse uma criança muito medrosa. Não posso dizer que é um dos lugares mais violentos de São Paulo, mas era palco de situações que me assustavam muito. Havia uma delegacia no bairro na qual sempre aconteciam rebeliões e fugas, portanto as imagens dos carros de polícia e helicópteros percorrendo a região eram frequentes. Até hoje, ver helicópteros passando me traz um sentimento ruim e a certeza de que algo de errado aconteceu. Lembro-me também de ouvir pessoas andando sobre a laje da minha casa durante uma noite, do som de tiros e do barulho vindo das brigas que aconteciam no bar da esquina de casa.

Uma vez, andando de mãos dadas com o meu avô em uma avenida da região, eu o larguei e saí correndo quando vi um carro de polícia. Até hoje me lembro da bronca que levei da minha mãe depois disso e de tentar explicar o quanto aquela imagem me assustava. Esses medos todos eram agravados pelos sumiços do meu pai. Quando ele não chegava em casa à noite, era impossível não pensar no que podia ter acontecido.

Apesar dessa dificuldade para lidar com o luto, há duas mortes com as quais eu vejo que minha mãe tem uma relação de paz. Logo após se casar, ela engravidou de gêmeas e teve uma gestação muito conturbada. A gravidez já era de risco por ser gemelar, ela era hipertensa e precisava não apenas trabalhar, mas passar por poucas e boas pela falta de dinheiro. Ela conta, por exemplo, que chegou a voltar a pé do trabalho no centro de São Paulo, grávida de dois meses. Tudo isso somado ao estresse do casamento e à falta de um pré-natal adequado fez com que as bebês nascessem prematuras. Seus nomes eram Soraya Cristina Maria dos Santos Assis e Naya Cristina Maria dos Santos Assis. Uma delas viveu por dez dias e a outra, por vinte. Apesar da situação, quando minha mãe fala das gêmeas, não é com o sofrimento que carrega em relação às outras mortes. Das gêmeas, até hoje ela fala com doçura.

Mais de dez anos se passaram até que, com a minha adoção, ela se tornasse mãe novamente. Ela me deu o nome de Thelma Regina Maria dos Santos Assis. Thelma porque achava bonito, Regina porque significa “rainha” e Maria porque era o nome que estava em todas as mulheres da família. Dos Santos era seu sobrenome e Assis, o sobrenome do meu pai.